

Jazz

26 Março 2010

Programador:

Manuel Jorge Veloso

Fred Hersch

Recital a Solo

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano
Fred Hersch

Sex 26 de Março
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M12

Fred Hersch: o ressurgimento de um Artista

Não tenho de forma alguma a ideia de que Fred Hersch saiba, no momento em que o espectador lê estas linhas, aquilo que dentro de momentos vai tocar quando entrar naquele palco.

Julgo que, muito provavelmente, só decidirá qual a primeira peça a escolher quando finalmente se sentar ao piano e porventura começar por enunciar e depois desenvolver, como se de uma espontânea composição em tempo real se tratasse, uma introdução mais ou menos longa, durante a qual derivará imperceptivelmente pelas várias regiões do piano, avaliará como este soa com a sala repleta, sentirá a respiração do público em meio de uma silenciosa expectativa e avaliará o estado da sua própria inspiração no momento da verdade, para só um pouco mais tarde encetar o desvio no sentido de tornar claros e fazer ecoar os primeiros contornos, as primeiras notas e acordes, de uma primeira peça.

Embora pelo que lhe conheço de anteriores recitais ao vivo ou em disco, eu esteja quase seguro de que as coisas poderão ter um início assim, é também possível, pelo contrário, que as ideias já estejam afinal claras no momento de caminhar os primeiros passos na sala escura, que o artista já sinta o grau de confiança com que vai atacar aquele nobre instrumento de que se aproxima e como vai porventura agarrar de imediato o público que o aguarda.

É este o mistério do jazz, sobretudo neste tipo de acto criativo individual

em que há que contar consigo próprio, sem outros músicos que acompanhem o desbravar do desconhecido e apenas armado do conhecimento e da cultura acumulada em tantas outras situações criativas semelhantes tendo como pano de fundo a história e o percurso de uma música que nasceu frágil e ingénua (mas logo, sem o saber, poderosa nas suas potencialidades como Arte) e hoje se afirma como um dos caminhos mais exigentes e apaixonantes da Grande Música.

Em boa verdade, está só ao alcance dos raros talentos do jazz um recital de grande duração, em solo absoluto. Instrumentista de impressionante destreza técnica, sabendo extrair do piano uma multitude de cambiantes tímbricas e assim criando os diferentes estados emocionais que só o grande piano nos pode oferecer, Fred Hersch alcançou, sem dúvida, ao longo de uma carreira de trinta anos, o estatuto desses raros, tendo já tocado em salas prestigiadas como o Carnegie Hall de Nova Iorque ou o Concertgebouw de Amesterdão.

Desde a mais singela e cantável melodia à peça mais complexa nos seus intrincados meandros, o pianista está do mesmo modo à vontade e é igualmente solene, contido (ou explosivo) na forma como nos devolve o essencial de ambas, desprezando o supérfluo e sempre sabendo sublinhar o inesperado, o insólito, o irresistível.

Transformando positivamente a variação e a improvisação jazzística num (quantas vezes) arrebatador estado de criação e composição instantânea, Hersch faz parte ainda daqueles eleitos para os quais o teclado se transfigura numa verdadeira orquestra e mesmo

as peças do repertório clássico do jazz ou os *standards* do cancionário norte-americano que vai buscar a terceiros se transformam em composições próprias, com uma marca de origem inconfundível.

A exemplo de outros grandes músicos de jazz seus contemporâneos, Fred Hersch multiplica os seus projectos pessoais na área do jazz e mesmo nas aproximações que por vezes faz, em termos de composição, a outras áreas musicais, como a música popular ou a música erudita. Grande cultivador das *baladas*, apaixonado pela forma-canção, amplo conhecedor das várias tradições do jazz e do seu repertório clássico e moderno e compositor de grande e singular sensibilidade, ele admira sobretudo autores sem dúvida “especiais” na história do jazz, como Thelonius Monk, Charles Mingus, Ornette Coleman ou Wayne Shorter. Mas ele próprio sublinha como, no seu tempo de adolescente, se interessava por James Taylor ou Joni Mitchell e pelo pessoal da Motown, Stevie Wonder ou Marvin Gaye.

Não admira assim que, para além de dirigir formações instrumentais de variada amplitude e constituição, às quais transmite um indelével cunho pessoal, Fred Hersch tenha tocado ao lado de grandes figuras do jazz, como Stan Getz, Joe Henderson, Lee Konitz ou Art Farmer, para apenas referir algumas das maiores.

Tendo feito a sua formação académica clássica e aprofundado a sua especialização em jazz no Departamento de Jazz do Conservatório de New England (dirigido por Günther Schuller), onde teve como professores Jaki Byard, George Russell ou Jimmy Giuffrè, Fred Hersch

sempre considerou um meio de aprendizagem prática essencial o circuito dos clubes, que muito frequentou.

Depois de se radicar em Nova Iorque em 1977 (apenas com 21 anos de idade), teve a sorte de arranjar um *loft* perto de um clube de referência, o *Bradley's*, uma verdadeira “universidade” que todas as noites frequentava, vendo e ouvindo em pessoa os grandes mestres. Ali pôde então conhecer muitos dos seus ídolos, como Hank Jones, Tommy Flanagan ou Jimmy Rowles. Ali Kirk Lightsey lhe ensinou as harmonias de muitas obras de Billy Strayhorn.

Não sendo um *bopper* nem um incondicional da *improvisação livre*, Hersch é no entanto um conhecedor profundo das várias etapas da evolução do jazz, um músico inclassificável, intemporal, cultivador de um lirismo e de uma expressividade únicas, que se manifestam particularmente nos seus trabalhos discográficos a solo, dos quais deve destacar-se a trilogia *Songs Without Words* (uma caixa de 3 CDs, datada de 2001) que o pianista divide em três linhas essenciais – originais de sua autoria, peças de *jazzmen* célebres e recriações de obras de Cole Porter – e à qual estava previsto acrescentar um quarto volume dedicado a António Carlos Jobim, o qual (gravado também em 1991) apenas agora foi editado em CD autónomo, sob o título *Fred Hersch: Plays Jobim* (2009). Ao mesmo tempo, é fundamental destacar a circunstância de Fred Hersch ter sido o primeiro (e até ao momento o único) pianista de jazz a tocar a solo, num contrato de uma semana, num conhecido templo do jazz de Nova Iorque: o Village Vanguard.

Entretanto, prosseguindo a referência

à sua discografia indispensável a solo, não podem deixar de mencionar-se, pela sua importância: *Live at Maybeck Recital Hall, Vol. 31* (1993); *I Never Told You: Fred Hersch Plays Johnny Mandel* (1994); *Plays Billy Strayhorn* (1995); *Thelonius: Fred Hersch Plays Monk* (1997) e os fabulosos *Let Yourself Go: Live at Jordan Hall* (1999) ou *Live at Bimhuis, Amsterdam* (2006).

A última década viu revelarem-se e afirmarem-se, no domínio do jazz, um punhado de pianistas que se distinguem dos seus pares por uma notável afirmação de personalidade e individualidade, entre os quais se encontram (por razões e peculiaridades muito diversas) um Brad Mehldau, um Ethan Iverson, um Jason Moran, um Vijay Iyer. Mas seria injusto esquecer, antes deles, este não muito falado mas altamente original Fred Hersch, aliás professor dos dois primeiros, com mais de 20 álbuns gravados sob o seu nome e duas nomeações para os Grammy do Jazz.

Na realidade, é impossível não ficar rendido ao modo como Hersch nos dá a ouvir as suas próprias composições ou as suas versões de peças conhecidas, quase sempre recusando desvendar-nos logo de início todos os dados e, portanto, impedindo-nos de meramente assistirmos (de uma forma preguiçosa e sem qualquer esforço) aquilo que tem para nos propor: o jogo pontilhado e salpicado de pausas e de silêncios, tantas vezes provocando uma sensação de permanente inquietação e busca que nos estimula a tentar seguir esse percurso criativo. Depois, a torrente de ideias (traduzida nas notas que joram pelo teclado, às vezes sobre uma insistente *nota pedal*) contrasta ou insere-se

num desenvolvimento harmónico que suscita novos caminhos de improvisação, conduzindo por fim à resolução do problema e à explicitação do *mistério* que assim nos é narrado, com o anúncio final (e mesmo assim mitigado) da matriz temática sobre a qual tudo se desenvolveu.

Hoje com 55 anos de idade, desde 1986 que o pianista é atormentado por uma doença extremamente grave que o agarrou e que paira de forma sinistra e sombria sobre o seu dia-a-dia e sobre a sua Arte e que, em 2008, o afundou numa crise de oito meses de internamento e reabilitação, dos quais dois em estado de coma e quase demência.

Recuperando com grande força de vontade pessoal as mais elementares funções físicas vitais e readquirindo pouco a pouco as suas capacidades intelectuais (quase tendo de reaprender a tocar piano!), é através de um revigorado ressurgimento na cena musical que vê editados em 2009 dois novos álbuns – a já referida homenagem a Jobim e uma actuação ao vivo no Jazz Standard com a sua *Pocket Orchestra* – regressando também ao circuito das *tournées* e das residências e chegando agora a Lisboa vindo de dois concertos em duo e de um *workshop* na Bélgica e na Áustria.

Sempre apaixonado pela docência, Fred Hersch dá aulas, todos os 15 dias, no New England Conservatory (em Boston) e é professor residente na Western University de Michigan, duas vezes por ano.

Entre as suas mais belas pequenas composições, destacam-se *Gravity's Pull*, *Valentine*, *Endless Stars*, *At the Close of the Day*, *Dreamscape*, *Black Dog Pays*

a Visit, Invitation to the Dance, A Lark, Lee's Dream ou *Lost in Another Time*.

Dos projectos que tem entre mãos, há notícia de um ciclo de canções inspiradas na pintura e na arte fotográfica (em colaboração com a poetisa Mary Jo Salter); uma colecção de peças de jazz em honra de uma série de músicos, escritores e bailarinos que o pianista admira; uma *suite* baseada sobre temas de Tchaikovsky; e, acima de tudo, o seu projecto mais pessoal e provavelmente mais ambicioso: nas suas próprias palavras, o *Coma Project*.

Manuel Jorge Veloso
Blog *O Sítio do Jazz*

Fred Hersch

Nascido em 1955 em Cincinnati, Ohio, pianista e compositor, Fred Hersch foi considerado como “um dos mais brilhantes músicos da sua geração” pela revista *Downbeat* e ganhou um lugar entre os mais notáveis artistas de jazz do mundo actual. Desde o fim da década de 1970, como *sideman* de lendas do jazz como Joe Henderson, Art Farmer e Stan Getz, firmou uma reputação de um mestre versátil do piano jazz, e de um sólido compositor. É largamente reconhecido pela sua capacidade de criar um corpo único de obras originais e ao mesmo tempo de reinventar o repertório *standard* do jazz – abordando clássicos testados pelo tempo sob novos e penetrantes pontos de vista, ideias frescas e uma extraordinária técnica. Seja a solo, em duo, em trios ou quintetos, Hersch explorou toda a tradição do jazz e abriu novas e inexploradas portas. De entre as suas numerosas distinções incluem-se uma Guggenheim Memorial Fellowship de Composição (2003), três nomeações para os Grammy, duas na categoria Best Jazz Instrumental Performance e uma na categoria Best Instrumental Composition. Participou em mais de uma centena de gravações, incluindo mais de duas dúzias de álbuns como líder ou a solo.

A sua carreira como pianista foi muito reforçada pela sua actividade como compositor, uma parte vital de quase todos os seus concertos e gravações. Em 2003 Hersch criou *Leaves of Grass* (Palmetto Records) uma composição de larga escala com poemas de Walt Whitman para duas vozes (Kurt Elling e Kate McGarry) e um octeto instrumen-

tal; a obra foi apresentada em Março de 2005 no Zanket Hall do Carnegie Hall, com lotação esgotada, como parte de uma digressão por seis cidades dos EUA. Hersch fez digressões com o pianista clássico Christopher O’Riley (“Heard Fresh: Music for Two Pianos”) e colaborou também com músicos como Bill Frisell, Toots Thielemans e Charlie Haden ou cantores como René Fleming, Norma Winstone e Audra McDonald. Recebeu encomendas de The Gilmore Keyboard Festival, The Doris Duke Foundation, The Miller Theatre da Universidade de Colúmbia, The Gramercy Trio e The Brooklyn Youth Chorus. As suas composições para piano solo e música de câmara estão publicadas pela Edition Peters. A editora Naxos publicou *Fred Hersch: Concert Music 2001-2006*, um disco com as suas composições “clássicas”.

Hersch começou a tocar piano muito novo. Com 12 anos escreveu a sua primeira sinfonia. Estudou no Grinnell College e a meio da década de 1970 começou a tocar em clubes em Cincinnati. Formou-se no New England Conservatory of Music em Boston e mudou-se para Nova Iorque no final dos anos 1970.

Hersch é considerado o mais fecundo e apreciado pianista de jazz a solo da sua geração. Em 2006, Palmetto Records editou o disco a solo *Fred Hersch in Amsterdam: Live at the Bimhuis*. Essa gravação levou a que, pouco depois, Hersch fosse o primeiro pianista, em 70 anos de história de Village Vanguard, o lendário clube de Nova Iorque, a ser contratado para tocar uma semana a solo. Hersch lidera ainda um trio e um quinteto e mantém cons-

tantes colaborações por todo o mundo com instrumentistas clássicos e de jazz e cantores. Um dos seus mais recentes projectos inclui um conjunto não convencional formado por piano, trompete, voz e percussão. *The Fred Hersch Pocket Orchestra: Live at Jazz Standard* foi editado em 2009 pela Sunnyside Records.

Hersch tem tido, desde 1993, uma actividade apaixonadamente empenhada como porta-voz e *fund-raiser* de instituições relacionadas com a SIDA que prestam serviços e se dedicam à educação no combate à doença. Produziu e tocou em quatro álbuns cujos lucros reverteram para essa causa e apresentou-se em concertos para Performing Arts Against AIDS e Broadway Cares/Equity Fights AIDS que até agora renderam 250 000 dólares.

Fred Hersch participou no programa da CBS Sunday Morning com o Dr. Billy Taylor e numa grande variedade de programas da Rádio Nacional Pública, incluindo Fresh Air, Jazz Set, Studio 360 e Marion McPartland's Piano Jazz. Hersch recebeu uma Rockefeller Fellowship e financiamentos de The National Endowment for the Arts e Meet the Composer, e seis residências de composição em The MacDowell Colony. Dirigiu um *workshop* de treino profissional para jovens músicos em The Weill Institute no Carnegie Hall em 2008 e foi distinguido com a Branigan Lectureship na Universidade de Indiana em 2004. Professor empenhado, ensinou em The New School e na Manhattan School of Music; actualmente é professor convidado na Western Michigan University e ensina na Faculdade de Jazz Studies no Conservatório de New England.

v. www.fredhersch.com

RED Trio + John Butcher

Ciclo “Isto é Jazz?” · Comissário: Pedro Costa

Jazz Qua 7 Abril

Peq. Auditório · 21h30 · Dur. 1h10 · M12



Piano Rodrigo Pinheiro **Contrabaixo** Hernâni Faustino **Bateria** Gabriel Ferrandini
Saxofones tenor e soprano John Butcher

No RED Trio tudo é denso, por vezes visceral. A sua estética aproxima-se do *free jazz* para dele se distanciar logo de seguida. Bebe na tradição da improvisação europeia mas é muito mais do que isso.

No seu segundo ano de existência e no lançamento do seu primeiro álbum intitulado *RED Trio*, a banda apresenta-se em formação expandida: convidou para se juntar a ela um dos músicos favoritos dos seus elementos, o saxofonista britânico John Butcher.

O RED Trio foi formado em 2007 por Rodrigo Pinheiro no piano, Hernâni Faustino no contrabaixo e Gabriel Ferrandini na bateria, todos eles destacados elementos da nova geração de músicos da cena portuguesa de improvisação livre. Partindo do clássico trio de piano, o RED Trio afasta-se deste paradigma colocando no mesmo plano de importância sonora todos os instrumentos que o constituem, todos eles tendo uma participação forte no som do grupo. É

das intersecções, confluências, perturbações e utilização de técnicas extensivas que surge o discurso único do grupo: uma gama dinâmica que vai do quase silêncio até descargas de energia sónica plenas de violência. Com mais de dez concertos em Portugal desde a sua criação vê, agora, a regularidade e qualidade dos seus concertos premiada com a edição do seu primeiro álbum editado pela Clean Feed.

Numa entrevista à revista italiana *Alter Musiche*, John Butcher afirmava que nos seus concertos preferia, em vez de sobrepor a sua voz à do conjunto, tocar entre o discurso dos outros músicos, e com pequenas ideias subtis mudar todo o sentido e direcção da música produzida. Este conceito acaba por ser a definição perfeita do estilo e da abordagem com que Butcher e os elementos do RED Trio encaram o processo de criação musical em tempo real. É desta comunidade de ideias que este novo quarteto, que agora se apresenta na Culturgest, promete uma música de forte personalidade e de resultados surpreendentes.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Inês Loução estagiária

Marta Ribeiro estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

António Rocha estagiário

Soraia da Silva estagiária

Susana Sá estagiária

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
